

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT12.016

UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE: A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

GENOVEVA RIBAS CLARO

Doutora em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora do Centro Universitário Internacional - Uninter, genovevaribas@bol.com.br

LEOCILÉA APARECIDA VIEIRA

Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Colegiado de Pedagogia da Unersidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Paranaguá, leocilea.vieira@unespar.edu.br

ELIZABETH REGINA STREISKY DE FARIAS

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do Colegiado de Pedagogia da Unersidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Paranaguá. elizabeth.farias@unespar.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa circunda a temática do idoso e a Universidade Aberta para a Terceira idade (UNATI). Para tanto, tem como objetivo compreender o papel da Unati enquanto política capaz de fomentar espaços, com vistas à valorização do idoso enquanto ser humano social e individual com plenas condições de participação, interação, socialização e aprendizagem. Delineou-se pela problemática com a intenção de discutir as percepções sobre a velhice, sobre o aprender e sobre a Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus de Paranaguá. Os fundamentos teóricos buscaram refletir sobre as Universidades Abertas para a Terceira Idade. A metodologia expressa uma pesquisa organizada na etapa bibliográfica e etapa de campo. Trata-se de um estudo exploratório buscando junto aos idosos sua percepção acerca da temática que, por sua vez, expressa as representações sociais que implica conhecimentos e saberes comum, num dado espaço-tempo histórico, por isso, configurou-se também num estudo descritivo. Os resultados indicam que os idosos percebem a Unati como um importante espaço, uma política que os permite participar, interagir, aprender, vivenciar, partilhar, conviver e entender as demandas que se apresentam à própria velhice. Anseiam pela garantia de mais direitos sociais e

ratificam que estar na Unati é também a possibilidade de disseminar novos conhecimentos sobre a velhice.

Palavras-chave: Universidade Aberta para a Terceira Idade, Aprendizagem, Idoso, Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

O tema surgiu de leituras sobre a velhice, observações e inquietações de como os idosos ocupam seus tempos e de que maneira a educação pode preencher esses espaços e possibilitar a essa população se manter ativa, aprender e socializar seus saberes.

Justifica-se a presente pesquisa por acreditar de que “ser idoso é uma condição geral dos indivíduos que tem o privilégio de experienciar esta fase da vida, na qual se observa a sequência das histórias de vida, e que corresponde a padrões diferentes de comportamentos e contextos” (BUENO; GOMES; LOPES, 2012, p. 39) e, que o envelhecimento humano, se constitui em um dos maiores privilégios da sociedade pós-moderna. Entretanto, “muitas sociedades respeitam as pessoas de idade enquanto estas se mantêm lúcidas e robustas, desembaraçando-se delas quando se tornam decrépitas e caducas” (BEAUVOIR, 2018, p. 57). Então, proporcionar a essa população a garantia de direitos e de qualidade de vida representa um grande desafio.

É importante salientar, ainda, que o aumento da longevidade tem aumentado exponencialmente em todo o planeta, independente do grau de desenvolvimento econômico-social da nação. De acordo com Nunes (2012, p. 8), “nos últimos cem anos ocorreu, de forma rápida, o processo de envelhecimento nos países desenvolvidos, associado ao progresso socioeconômico, com melhorias nas condições gerais de vida da população”.

Com relação ao envelhecimento populacional, o Brasil acompanha as estatísticas mundiais. Entre 1960 e 2002, registrou um aumento de 500% no número de idosos (MERCADANTE et al., 2010). De acordo com pesquisas divulgadas pelo IBGE, em 2018, o país tinha mais de 28 milhões de pessoas com mais 60 anos, o que representa 13% da população brasileira.

Moutte (2020, p. 64) complementa que a Organização Mundial de Saúde (OMS) cogita que “até o ano de 2025, a população idosa no Brasil crescerá 16 vezes, contra cinco vezes o índice da população total. Isso classificará o país como a sexta população do mundo em idosos, correspondendo a mais de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais”.

Segundo a Projeção da População realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse percentual tende a aumentar nas próximas décadas, tendo-se uma perspectiva que em 2043, um quarto da população deverá

ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%" (PERISSÉ; MARLI, 2019, p. 22) e as projeções para 2050, apontam um percentual ainda mais elevado de idosos, se prevê que o número de pessoas chegará a 66,5 milhões nessa faixa etária. Haverá uma inversão da pirâmide na estrutura etária da população brasileira no decorrer de um século (1950-2050).

Em estudos sobre projeção da velhice no país, Izabel Marri, demógrafa do IBGE, menciona que a partir de 2047, a população brasileira deverá parar de crescer, pois, os grupos de pessoas mais velhas ficarão em uma proporção maior quando comparados aos grupos mais jovens da população. Esse fato contribuirá para o processo de envelhecimento populacional no país. O índice de envelhecimento deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060 (PERISSÉ; MARLI, 2019).

Nesse contexto, a educação é uma aliada para elevar a autoconfiança do idoso. Este fato é reconhecido na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA), realizada na Alemanha, em 1997, a qual amplia a expressão "educação de adultos" para "educação ao longo da vida", termo este confirmado na VI CONFITEA, em 2009, realizada em Belém (PA), a qual menciona que a "aprendizagem ao longo da vida, do berço ao túmulo, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos" (UNESCO, 2010, p. 7).

Aprender deve transitar pela vida do sujeito em todas as fases do seu desenvolvimento, haja vista que a educação contribui para sua emancipação. Assim, "o retorno do idoso ao contexto de aprendizagem ou o seu engajamento em processos socioeducativos pode propiciar, de modo geral, a manutenção de boa condição de saúde e bem-estar. Os efeitos comportamentais advindos dessas ações têm potencial para influir em novos modos de viver das pessoas mais velhas" (CARVALHO et al., 2019, p. 39).

Oliveira (2013, p. 2174) corrobora que

a educação permanente possibilita o desenvolvimento do idoso integral, independentemente da classe social ou situação de marginalização em que o indivíduo esteja inserido, permitindo que ocorram o desenvolvimento intelectual, social, cultural e político. Negar a educação para o idoso é limitar a capacidade dele de ver o mundo e compreender-se inserido nele de maneira significativa, como sujeito ativo e autônomo.

Frente ao exposto, as Universidades Abertas para a Terceira Idade (UNATI)¹ – programas de extensão ofertados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) – surgem como alternativas para que os idosos desfrutem seu tempo de forma plena e prazerosa, haja vista que “a educação deve ser um processo contínuo e permanente vivido pelo ser humano por toda a vida, não só pelo contato com a escola e universidades, mas também por meio da sociedade, propiciando às pessoas uma adaptação social e oportunidades para buscar o seu bem-estar físico e mental” (PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIDADE, 2014, [n.p.]).

As atividades ofertadas pela UNATI possibilitam a pessoa ressignificar sua vida a partir do próprio ato de envelhecer, pois a maioria dos idosos:

já se encontra aposentada e, não tendo mais que cumprir um horário de trabalho ou se preocupar com a criação dos filhos, passa a participar ativamente desses espaços que antes eram de improvável acesso a eles, que viviam numa condição de exclusão antes de retornar aos estudos. E a escola passa a ter então, um papel não só de disseminadora do conhecimento, mas também de agente principal de troca de experiências e oportunidade de convívio entre pessoas diferentes (PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIDADE, 2014).

Nessa mesma esteira de pensamento, Carvalho et al. (2019, p. 39), expõe que os:

processos educacionais podem viabilizar a reaproximação comunitária, social e cultural de ‘envelhescentes’, compensando o afastamento usual que acontece após os 60 anos, quando a maioria se aposenta ou se vê diante da “síndrome do ninho vazio”, período em que os filhos costumam estar independentes.

Dessa forma, os espaços educativos da UNATI viabilizam aos idosos trocar experiências entre seus pares, bem como, com os jovens universitários que frequentam os cursos de graduação das IES. Isto é de suma importância, pois conforme relata Nunes (2012, p. 11), “coletivamente, o indivíduo idoso busca seu bem-estar com a vida e com sua idade, visando à harmonia e fortalecendo importantes

1 As Universidades para a Terceira Idade também são conhecidas como “Universidades da Terceira Idade, ou Universidades Interidades, ou de Todas as Idades, ou do Tempo Livre, ou dos Idosos, não importa o nome, estão cada vez mais disseminadas pelo mundo, constituindo-se em lugar ideal de encontro e aprendizagem para pessoas idosas” (GOMES; LOURES, ALENCAR, 2005, p. 120).

vínculos através das relações interpessoais, a construção de novas amizades e a formação de redes de apoio”.

As palavras de Carvalho et al. (2019, p. 41) complementam ao mencionar que:

quando estão envolvidos em processos educativos, os idosos apresentam maior mobilidade individual e sociabilidade entre os pares, conseguindo rever suas crenças pessoais, assumir o autocuidado com maior propriedade de recursos e aumentar seus níveis de independência. Com isso, é possível que muitos dos processos patológicos oriundos da exclusão social e da inatividade possam ser reduzidos e, até mesmo, evitados.

Dessa maneira, o idoso ao ingressar na universidade tem a possibilidade de interagir com novos espaços sociais e culturais, (re)definir sua identidade, bem com, será capaz de superar as dificuldades que lhe foram impostas durante a vida e que, muitas vezes, são acentuadas quando ingressa na terceira idade” (CARRARO; CURY, 2015, p. 91).

Dessa maneira, o aumento da expectativa de vida da população tem na educação continuada um forte aliado para auxiliar no envelhecimento saudável e propiciar melhor qualidade de vida aos sujeitos idosos, pois considera-se que a aprendizagem durante a velhice é tão importante quanto a que prepara o indivíduo para a passagem da infância à vida adulta (FOGAÇA, 2001). Nessa perspectiva, as Universidades Abertas para a Terceira Idade, por meio da educação permanente, propiciam a esse grupo populacional tornar-se mais ativo, alegre, participativo e integrado à sociedade.

Considerando que educação é um “instrumento” valiosíssimo para a conscientização das pessoas na superação dos preconceitos negativos e estereótipos atribuídos à velhice, que mesmo sem fundamentação científica são reforçados pela sociedade, este estudo tem como objetivo compreender o papel da Unati enquanto política capaz de fomentar espaços com vistas à valorização do idoso enquanto ser humano social e individual com plenas condições de participação, interação, socialização e aprendizagem.

Inicialmente, a presente pesquisa traz a fundamentação teórica na qual se reflete sobre a aprendizagem na terceira idade e as Universidades Abertas para a Terceira Idade à luz da literatura pertinente. Em seguida, apresenta-se o caminho metodológico percorrido no estudo que deu suporte a esta investigação.

Na próxima etapa traz análise dos dados coletados pela pesquisa os quais são interpretados ancorados nos teóricos que pesquisam sobre a área. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicia-se este item pelo que se entende por terceira idade e aqui se apropria do significado atribuído por Manzano (2014, [n.p.]), que menciona que ela corresponde a “fase entre a aposentadoria e o envelhecimento e que traz consigo as demandas de cuidado com a saúde de uma forma mais ampla, já pensando em um envelhecimento com mais qualidade de vida”.

Considerando que o aumento da população idosa é um fenômeno social, é importante não só respeitar, mas valorizar esta etapa do desenvolvimento humano, como outras fases da vida. Um exemplo de que a sociedade ainda não sabe lidar com esta população são as diversas nomenclaturas criadas, como: “melhor idade”, “maior idade”. Contudo, é importante salientar que para além da nomenclatura, é importante respeitar e valorizar.

A expressão terceira idade foi utilizada pela primeira vez na França em 1962 e tinha por intuito transformar a imagem que se tinha da velhice e, assim, promover uma separação cronológica entre os jovens velhos e os mais velhos (PEIXOTO, 1998).

No que concerne à educação para este público específico, a Organização Mundial de Saúde (2015) alerta que o envelhecimento saudável é o envelhecimento ativo e ele deve se assentar em quatro pilares e um deles é a aprendizagem ao longo da vida, pois:

tão fundamental quanto à cidadania, é o direito pela educação, pois não se alcançará a cidadania sem que haja conhecimento pleno deste direito. Logo, pensar a educação para a terceira idade, é pensar mais que uma ocupação para o idoso, é permitir uma ação intensiva e intencional para que este sujeito se perceba, entenda seu entorno social, político e econômico, como também não seja ludibriado ou tenha seus direitos negligenciados (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2011, p. 90)

Compreende-se que a educação é um direito e desta forma, deve fazer parte de todas as fases da vida, sendo fundamental a criação e implementação de projetos educacionais, capazes de garantir a educação permanente.

Frente ao exposto, a educação é um processo que vai além de ocupar o tempo ocioso do idoso, mas objetiva permitir que ele se sinta ativo e reconhecido pela sociedade, conheça e lute por seus direitos e desfrute plenamente sua cidadania, pois “o processo educacional colabora para o conhecimento e respeito dos saberes cotidianos dos idosos e não se limite à superação do analfabetismo” (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2016, p. 164).

Ainda sobre a importância de programas educacionais ofertados para adultos, Groombridge (citado por CACHIONI, 1998, p. 10-11), argumenta que:

- a. a educação pode ajudar os adultos maduros e idosos a terem mais auto-confiança e independência, reduzindo as possibilidades de dependerem de recursos públicos e privados;
- b. a educação é primordial na capacitação dos idosos, ao lidarem com os inumeráveis problemas práticos e psicológicos em um mundo complexo, fragmentado e em mudanças;
- c. a educação para e pelo idoso intensifica sua atuação e contribuição para a sociedade;
- d. a possibilidade de aumentar o auto-conhecimento, compreender-se melhor e comunicar as próprias experiências às outras gerações favorece o equilíbrio, as perspectivas pessoais e de mundo, qualidades valiosas em um mundo em mudança;
- e. A educação é crucial para muitos idosos motivados para a aprendizagem e a comunicação.

Dessa forma, pode-se perceber que há várias razões pelas quais os idosos participam das atividades promovidas pela Unati, tais como: aquisição de conhecimentos sobre saúde, psicologia, bem-estar, convivência em grupo, melhoria da autoestima, entre outros.

A educação também encontra respaldo na Lei 10.741/2003 (Estatuto do Idoso), no art. 21, o qual preconiza que: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003).

A referida lei preconiza, ainda, em seu art. 25:

O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual (BRASIL, 2003).

Frente ao exposto, percebe-se que a educação para a terceira idade e as Universidades Abertas para a Terceira Idade devem ofertar informações relevantes que desperte a atenção, motive o idoso a sempre buscar conhecimentos. Apesar da UNATI ter por intuito “tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade” (PALMA, 2000, p. 53), em cada período histórico centrou em um objetivo específico.

Nos anos de 1960, a primeira geração da Universidade da Terceira Idade apresentou um modelo de serviço educativo. Em 1970 (segunda geração), privilegiou o conceito de participação e desenvolvimento das experiências dos idosos com o intuito de prepará-los para intervir ativamente nos problemas da sociedade. Nos anos de 1980 (terceira geração), preocupou-se com a elaboração de programas educativos para os idosos, que se aposentariam mais cedo, escolarizarem-se e, a quarta geração, final dos anos de 1990, voltou-se para o atendimento intergeracional, isto é, teve por preocupação integrar o idoso de forma absoluta na sociedade (LEMIEUX, 1990).

A Universidade Aberta para a Terceira Idade, tal como se conhece na atualidade, se originou na França, em 1973, na cidade de Toulouse, por iniciativa de Pierre Vellas e, em seguida, espalhou-se pela Europa. Elas foram criadas “como possibilidade de inserção do idoso em um espaço educacional não formal, que proporciona a integração social, a aquisição de conhecimentos, à elevação da autoestima, à valorização pessoal, ao conhecimento dos direitos e deveres e ao exercício pleno da cidadania” (OLIVEIRA, 2013, p. 2168).

Na América do Sul, o pioneirismo da Universidade Aberta é concedido ao Uruguai que, em 1983, implantou em Montevideu a UNATI, baseada no modelo francês, “caracteriza-se por modalidade de ensino não-formal, intergeracional e fundamentado na educação permanente” (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2005, p. 126).

Aqui no Brasil, ao perscrutar na história, encontrou-se que o primeiro projeto para a realização de atividades educativas e culturais voltadas para os idosos que se tem conhecimento foi em São Paulo em 1963, em que o Serviço Social do Comércio (Sesc) realizava alternativas de convivência e participação para eles, como bailes, passeios, jogos de salão, sendo mais entretenimento do que de caráter educativo. Percebe-se que ao longo dos anos as atividades foram se diversificando e outros grupos foram participando, indo além das casas de abrigos e asilos.

Quanto às Unati, elas:

surgem como possibilidade de inserção do idoso em um espaço educacional não formal, que visa à integração social, à aquisição de conhecimentos, à elevação da autoestima, à valorização pessoal, ao conhecimento dos direitos e deveres e ao exercício pleno da cidadania (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2016, p. 155).

No Brasil, as Universidades Abertas à Terceira Idade tiveram influências europeias e eram espaços voltados às atividades culturais e à sociabilidade, com o objetivo de ocupar o tempo livre e favorecer as relações sociais entre aposentados (VELOSO, 2004), para não deixar essa faixa etária excluída socialmente, pois é fato comprovado por pesquisas que o isolamento social pode originar problemas psicológicos. O afastamento dos familiares, a aposentadoria, a saída dos filhos de casa, a perda de pessoas próximas, podem levar à solidão e conduzir à depressão. Assim, a importância de lugares que apresentem programas de atenção a pessoas da terceira idade e que sejam programas interdisciplinares, de caráter dinâmico e que visem atender as reais necessidades destas pessoas.

Silva, Silva e Rocha (2017, p. 3 esclarecem que:

No Brasil, desde a década de 1980, as universidades cederam espaço às UnTI, tanto à população idosa como a profissionais interessados no envelhecimento. Idealizada em 1982 na UFSC, em 1983 o NETI inicia suas atividades; e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1984, é criado o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio a Terceira Idade (NIEATI), sendo estas consideradas as universidades pioneiras no país.

Dessa maneira, programas educativos voltados aos idosos a partir das últimas décadas dos anos de 1990:

encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento (DEBERT, 2012, p. 15).

Em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o Núcleo de Estudos de Terceira Idade (NETI), que tinha por intuito oferecer “atendimento ao idoso, formação de técnicos e voluntários na área gerontológica, consultoria e assessoria a empresas e entidades, cursos de preparação para aposentadoria e de formação de monitores de ação gerontológica”. (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2005, p. 127).

Enquanto Universidade Aberta da Terceira Idade e não núcleos de estudo, a pioneira no Brasil foi a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 1993, por iniciativa do professor Piquet Carneiro. Sua origem se deu a partir do trabalho realizado pelo Núcleo de Ação Disciplina de Atendimento aos Idosos (NAI), que no final da década de 1980, funcionava no Hospital Universitário Pedro Ernesto (VERAS; CAMARGO JR., 1995). Cinco anos depois, em 1998, a Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande (MS), implantou a Universidade da Melhor Idade (UMI), que tinha por objetivo integrar os idosos com os alunos da graduação (FRUTUOSO, 1999). A partir de então, outras instituições de ensino superior adotaram a proposta (LEMOS; ZABAGLIA, 2004).

De acordo com Erbolato (1996), enquanto programas de extensão, as UNATI desempenham, basicamente, três funções, quais sejam: prevenção, social e criação. Enquanto **prevenção** oportuniza ao idoso o acesso ao conhecimento, fato que além de propiciar o prazer de aprender, desempenha uma atividade cerebral que impede a redução da eficiência intelectual. A esse respeito Gomes (1999) acrescenta que as atividades veiculadas por estas Universidades contribuem para a diminuição da depressão, da solidão; da sensação de inutilidade e, até mesmo, da demência.

No que diz respeito à **função social**, os programas auxiliam no combate a solidão e ao isolamento e permitem que a pessoa possa reconstruir uma nova identidade; a **função criativa** se dá ao possibilitar aos aposentados assumir o papel de protagonista, ou seja, desempenhar a função de atores de sua própria vida (ERBOLATO, 1996), bem como, a criação de uma imagem positiva da velhice e do envelhecimento (DEBERT, 2012).

A respeito dos programas oferecidos pelas universidades abertas, Debert (2012) menciona que além de contribuir para o envelhecimento saudável, promove a autoestima e a luta contra preconceitos, pois

a dívida social que os mais jovens e a sociedade como um todo têm para com o idoso deve ser reconhecida e paga [...] O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens. A memória, nesses contextos, é um bem valioso que deve ser preservado pela nação e por cada indivíduo (DEBERT, 2004, p. 149).

À medida que nestes programas os idosos têm voz são ouvidos, auxiliam na preservação da cultura, pois perpetuam a memória de um povo.

Em síntese, as Universidades Abertas a Terceira Idade por meio de suas ações pedagógicas propiciam ao idoso ressignificar sua vida, haja vista que a educação é um processo permanente e contribui para autoestima do ser humano.

METODOLOGIA

Essa pesquisa de cunho exploratório e descritivo, privilegiou a abordagem qualitativa, foi aprovada e registrada sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE) 45062821.5.00000.8040 e Parecer nº 4.721.905, percorreu, basicamente, quatro etapas essenciais, quais sejam: a fundamentação (suporte teórico ao estudo) na qual se buscou significados para a Universidade Aberta para a Terceira Idade; o cenário em que se realiza o estudo e os procedimentos utilizados na coleta das informações e a análise e interpretação dos dados recolhidos.

O universo da pesquisa foi composto pelos alunos da Terceira Idade e, apesar de concordar com Laville e Dione (1999, p. 171), que a “amostra perfeitamente representativa compreenderia toda a população”, o convite foi extensivo a todos matriculados no ano de 2021, entretanto, somente participaram deste estudo os sujeitos que se sentiram motivados a integrar o grupo de livre e espontânea vontade, ou seja, dez senhoras do programa Unati Campus de Paranaguá, as quais tiveram seus nomes (transcritos para esta pesquisa de forma fictícia).

A respeito do método, optou-se pela dialética na visão de Paulo Freire, que tem o diálogo como mediação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. No presente estudo, acredita-se que “sem o diálogo, não há espaço para a contradição, para o pensamento diferente, para a diversidade de opiniões” (SOUZA, 2018, p. 10). Assim, por meio da troca de ideias tem-se a pretensão de trazer à tona temáticas que possibilitem entender as razões que levaram e/ou motivam os idosos a frequentar as atividades da Unati.

Nesse sentido, a roda de conversa foi o canal em que se materializou a fala desses sujeitos, pois entende que ao se investigar o pensar de determinado grupo que ele “não se dá fora dos homens, ou em um homem só, ou no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade” (FREIRE, 2005, p. 117).

Na Roda de Conversa “o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala” (MOURA; LIMA, 2014, p. 98). Dessa maneira, o diálogo se deu em comunhão com todos os participantes da pesquisa.

Os procedimentos de coleta de dados iniciaram com a observação, pois esta técnica se constitui em uma forma mais apropriada para conhecer a realidade (GIL, 1999). Cabe salientar que a sustentação à observação se fez por meio de conversas informais dos assuntos discutidos nas reuniões e de entrevistas delineadas por temas geradores. A partir deles foi elaborado um roteiro pré-elaborado, contendo questões abertas, por elas darem “condição ao pesquisado de discorrer espontaneamente sobre o que se está questionando. [...] Com essas respostas, pode-se detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação”. (FACHIN, 2017, p. 163).

A análise e interpretação dos dados foram analisadas à luz da literatura pertinente. Os diálogos oriundos das rodas de conversas foram gravados com a permissão prévia dos participantes. Depois de ouvidos, foram transcritos e analisados seguindo a orientação metodológica proposta por Lefevre e Lefevre (2003), denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), a qual se propõe a organizar e tabular dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentam-se as análises sobre as percepções dos sujeitos sobre a Unati e, nessa esteira, aspectos relacionados às políticas para idoso. Entretanto, pouco se expressaram frente às políticas senão, apenas, indicaram alguns projetos e programas que participam, ou seja, embora, um dos questionamentos feito aos idosos tangenciasse a questão política, os sujeitos reconhecem esse aspecto quando assinalam que sentem necessidade de programas e políticas voltadas exclusivamente aos idosos, como, por exemplo, atendimento hospitalar que considerem as especificidades dos sujeitos desse grupo populacional. Notadamente, a questão das políticas não está como foco de atenção para todos, entretanto o anseio por qualidade de vida, por direitos, por mais serviços de saúde expressam que elas têm a noção de direitos. Contudo, cabe analisar com Mendes (2014) quando assinala que o envelhecimento na população brasileira acontece sem a solução para as precariedades dos problemas sociais, há muito tempo, identificado.

Em Huenchuan (2009) verifica-se que há por uma carência institucional significativa que compreende escasso desenvolvimento institucional e uma baixa qualidade dos sistemas de proteção social.

Os apontamentos teóricos, por um lado, ratificam a carência de políticas e programas sociais e, por outro, explica o fato de os sujeitos, demonstrarem pouca disponibilidade para falar de políticas, situação que, nas análises desse estudo, se dá em função dos desconhecimento das poucas políticas existentes pela população.

Não dá para negligenciar tal contexto, pois “o exercício da cidadania depende da criação de condições favoráveis à manutenção de seu poder de decisão, escolha e deliberação” (BRAGA, 2001, p. 7). Isso permite ressaltar que há indicativos de salvaguardar o direito à população idosa ao passo que, nas práticas sociais que envolve serviços e programas, são muito tímidas chegando à incipiência.

Ainda, no arcabouço das políticas destaca-se a Lei 13.535 de 2017 que explicitou alterações no art. 25 do “Estatuto do Idoso” referendando a essa população a oferta de cursos e programas de extensão pelas Instituições de Ensino Superior. É nesse contexto que as Unatis, que apresenta um longo histórico das primeiras iniciativas, se inserem de forma institucionalizada no âmbito das políticas nacionais. Nas análises de Neri e Yassuda (2004), na década de 1975, vários países implantam o programa Universidade da Terceira Idade e, apesar de modelos diversos, o objetivo era comum e consistia em garantir oportunidade para programas voltados às pessoas mais velhas.

Essa referência diz respeito ao papel das Instituições de Ensino Superior em desenvolver ações, programas e projetos que possibilite educação continuada de modo que, os sujeitos desse grupo populacional, possam expressar suas ideias e opiniões, compartilhar experiências e solidificar o desenvolvimento de atitudes mais positivas (CARVALHO, 2019).

Embora, tímida essa referência do artigo 25 do Estatuto do idoso, alterado é proeminente porque ratifica que a educação se desenvolve, permanentemente, portanto, em todas as fases da vida humana. Ela favorece a criatividade, a compreensão sobre o mundo e a realidade além de contribuir para uma postura positiva sobre a vida (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2016). Dos apontamentos teóricos e da fala das participantes duas ideias ficam evidentes, uma diz respeito ao fato de que a aprendizagem, as trocas facilitam a socialização e integração do idoso à sociedade e, a outra, diz respeito ao fato de que o ser humano, mesmo quando idoso é capaz de aprender e, além disso, permanecer motivado para tal. Este fato encontra eco em Salgado (citado por FERRIGNO, 2010) quando afirma de que há grande possibilidade de desenvolvimento intelectual, mesmo na velhice, sobretudo, quando acompanhada pela motivação e pelo desejo do conhecimento.

Assim, pode-se depreender que a educação deve apresentar novos desafios diante do crescimento dos idosos. Esse direcionamento não pode ser confundido nem com uma preparação para a vida, nem de uma preparação profissional, pois, a educação na Universidade aberta é concebida como educação ao longo da vida, mais aberta, mais desinteressada, não ligada à produtividade ou a qualquer tipo de promoção social, haja vista, que a Unati trata-se de uma organização que expressa uma educação sem obrigações, sem diplomas, que responde as necessidades existentes, mas, também, a interesses culturais, sociais e pessoais. Concentra-se, sobretudo, na obtenção do enriquecimento pessoal com vista à realização de si mesmo, à participação na vida social, cultural e política.

Não é um paliativo ou entretenimento, seu objetivo principal é ajudar o idoso a entender a si mesmo, entender o que vive e para onde vai, entender essa nova fase de seu desenvolvimento e como, longe de ser um prelúdio para a morte, aparece como uma fase decisiva e pode se tornar o período mais feliz de sua vida. Esses programas são baseados em universidades porque são organizados por uma universidade e, podem ser desenvolvidas por professores convidados, professores da universidade, acadêmicos bolsistas e, demais profissionais como da saúde, da assistência social, nutrição, medicina, fisioterapia, do direito e, de forma bem incisiva, profissionais da psicologia.

A interação com outras gerações, também é viabilizada pela Unati ao promover ações envolvendo os acadêmicos dos diversos cursos seja como bolsistas ou como voluntários. Com isso vê-se a função social desses programas que acima tudo se busca atenção solidária às reais necessidades dos idosos.

A organização dos conteúdos ao serviço das finalidades sociais do programa Unati, não consiste apenas em informar, mas para formar e transformar, e não para a prática profissional, mas para a conquista de uma vida mais participativa, ocupacional, mais competente e mais proveitosa para os interessados.

Os apontamentos teóricos de Debert (2012) indicam que esses programas abrem espaços para uma experiência inovadora, vivida coletivamente que, por sua vez, sinaliza que a sociedade brasileira está mais sensível aos problemas do envelhecimento.

O programa Unati tem objetivos bem definidos e esses estão assim configurados e envolve: trabalho interdisciplinar, ação educativa ampliadas da universidade; promover debates, possibilitando a modificação do perfil do idoso na sociedade, e enfatizando questões que envolvam Terceira Idade para integração entre gerações

e entidades que atuam na comunidade em prol do idoso; analisar a problemática sob a perspectiva biopsicológicas, filosóficas, políticas, jurídicas, religiosas, econômicas, sócio-culturais e outras, e, por fim, possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos conforme áreas de interesse.

O ponto fulcral da Unati está em possibilitar, ao idoso, maior atividade, interação e participação social e, portanto, livre para escolher e agir de acordo com suas demandas e do grupo o que envolve a capacidade de relativizar ideias, ampliar pontos de vista, promover e ampliar o nível cultural e em última análise, permitir a comunicação intra e interpessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Unati, programa desenvolvido pelas universidades, tem representatividade social uma vez que consolidam, por um lado a função social da universidade e, por outro lado, à valorização do idoso enquanto ser humano social e individual com plenas condições de participação, interação, socialização, aprendizagem, enfim, de seguir a vida com as novas demandas da velhice.

Pode-se concluir que a Unati é percebida pelos sujeitos como um projeto cujas atividades livremente escolhidas e direcionadas ao seu próprio bem-estar juntamente com o prazer de desfrutar do tempo livre em tarefas de aprendizagem, criação, recreação, solidariedade e que ela cumpre o seu papel, pois contribui para difundir conhecimentos que permitem alterações das práticas sociais frente ao idoso e, portanto, contribui para alterações das práticas sociais dos próprios sujeitos que relatam terem vivenciadas situações de isolamento, medo, depressão, mas, que ao contatarem o Programa tomaram ciência que podem viver a velhice sob outra perspectiva.

Apreendeu-se das falas dos sujeitos ideias como os: vínculos, a socialização, a busca, o relacionamento, a amizade, a interação, a transformação, a comunicação, a oportunidade e a aprendizagem, resultando que a Unati é compreendida pelos sujeitos como espaço de interação, convivência e transformação. Ficou evidenciado, ainda, o fato de que a aprendizagem e as trocas facilitam a socialização e integração do idoso à sociedade e, o fato de que o ser humano, mesmo quando idoso é capaz de aprender e permanecer motivado para tal.

Nesse contexto, o programa Unati do qual participam representa uma política que, de algum modo relaciona-se ao direito do idoso de continuar ativo, aprendendo

e pertencente. Considerando com Salgado (citado por FERRIGNO, 2010) que mesmo na velhice, há grande possibilidade de desenvolvimento intelectual, sobretudo, quando acompanhada pela motivação e pelo desejo do conhecimento.

Nesse contexto, o processo educacional deve fomentar novos desafios diante do crescimento dos idosos, entretanto, a flexibilidade deve fundar as práticas nesse espaço de aprendizagem.

Por fim, os sujeitos percebem a Unati como um espaço de ações que atende as demandas do idoso e se organiza por uma educação sem obrigações, sem diplomas, que responde as necessidades existentes, mas, também, a interesses culturais, sociais e pessoais. As ações são concebidas e percebidas pelos sujeitos como meio de enriquecimento pessoal com vista à realização de si mesmo, à participação na vida social, cultural e política. Conforme apontado por Debert (2012) os programas das Universidades Aberta à Terceira Idade abrem espaços para uma experiência inovadora, vivida coletivamente que, por sua vez, sinaliza que a sociedade brasileira está mais sensível aos problemas do envelhecimento.

Com essa pesquisa compreendeu-se alguns aspectos que envolve a temática envelhecimento e o sujeito idosos permite entender que impulsionados por razões que têm a ver com sua história pessoal e/ou seu contexto sociocultural, cada um desses sujeitos tornassem protagonistas, nesse processo de envelhecimento o que, por consequência lhes permite ocupar um espaço; um espaço que é testemunho de que quem o ocupa realmente existe.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: a realidade incômoda. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2018.

BRAGA, Pérola Melissa Viana Envelhecimento, Ética e Cidadania. **Jus Navigandi**, Teresina, a.6, n.52, nov. 2001. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/2389/envelhecimento-etica-e-cidadania>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2023.

BUENO, Ermelinda Maria; GOMES, Sandra Maura; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. A percepção dos idosos sobre a qualidade de vida no ambiente institucional. **Revista do Portal de Divulgação**, v. 2, n. 22, p. 39-49, jun. 2012.

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade da Terceira Idade**: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

CARRARO, Valéria; CURY, Mauro José Ferreira. A educação da pessoa idosa universitária e a pedagogia de Paulo Freire. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.18, n. 1, p. 91-98, 2015.

CARVALHO, Ercilene Mendonça de Amorim de; VIDAL, Liviane Damasceno; BRITO, Jessiane Kelly Nascimento de; BARROSO, Raimunda Eliana Cordeiro. Processos educativos e qualidade de vida na velhice. **Rev. Longeviver**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 37-45, out./dez, 2019.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE JOVENS E ADULTOS (CONFITEA), 6.; Belém, 2009. Documentos. Belém, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14239-confitea>. Acesso em: 10 dez 2019.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2012.

ERBOLATO, Regina Maria Prado Leite. **Universidade da terceira idade**: avaliações e perspectivas de alunos e ex-alunos. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Católica de Campinas, Campinas.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**: noções básicas em pesquisa científica. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações**. 2.ed. São Paulo: SESC, 2010.

FOGAÇA, M. C. C. B. H. **Reflexões sobre o envelhecimento**. São Paulo, LTR, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRUTUOSO D. A **Terceira Idade na Universidade**: relacionamento entre gerações no 3º milênio. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Lucy; LOURES, Marta Carvalho; ALENCAR, Josélia. Universidades abertas da terceira idade. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 119-135, abr. 2005.

HUENCHUAN, S. **Envejecimiento, derechos humanos y políticas públicas**. Santiago de Chile: *Cepal*, abr. 2009. Disponível em: https://social.un.org/ageingworkinggroup/documentsECLAC_sp_HR%20and%20public%20policies.pdf. Acesso: 15 jan. 2022.

IBGE. **Idosos indicam caminhos para a melhor idade**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>. Acesso em: 02 out. 2020

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educus; 2003.

LEMIEUX A. Recherché fundamentals et recherché - acción. Université du Troisième age: role des personnes âgées. **Gerontologie et Societé. Cahiers du la Fondation Nationale de Gerontologie**, Paris, n. 55, p. 115-120, 1990.

LEMONS, Maria Teresa Toribio Brittes; ZABAGLIA, Rosângela Alcântara (Orgs.). **A arte de envelhecer**: saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso. Rio de Janeiro: Idéias & Letras, 2004.

MANZARO, Simone de Cássia de Freitas. **Envelhecimento**: idoso, velhice ou terceira idade? Portal do Envelhecimento, 12 nov. 2014. Disponível em: <https://www.portal-doenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>

MENDES, Telma de Almeida Busch. **Geriatría e gerontología**. São Paulo: Manole, 2014.

MERCADANTE, E. F. et al. Editorial. **Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento**, São Paulo, v.24, n. 75, 2010.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória Lima. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014

MOUTTE, Maria Rita de Paulis. Os Centros Dia na promoção de qualidade de vida do idoso. **Revista Longeiver**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 64-70, jan./mar. 2020.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, M. S. (Orgs.). **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papyrus, 2004.

NUNES, Meire. Desafios e perspectivas na velhice: a interpretação da Terceira Idade. **Revista Portal de Divulgação**, v. 2, n. 22, p. 6-17, jun. 2012.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Políticas públicas, educação e a Universidade Aberta para a Terceira Idade nas dissertações e teses: de 2000 a 2011. In: EDUCERE. Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 2167-2187.

OLIVEIRA, Rita de Cássia de Cássia da Silva Oliveira; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; SILVA, Flávia Oliveira Alves da. Análise das produções sobre a educação na terceira idade. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 28, p.151-168, maio/ago. 2016.

OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, F. S. O envelhecimento e a velhice: teorias, demografia e política. Curitiba: CRV, 2011.

PALMA, L.T. **Educação permanente e qualidade de vida**. Passo Fundo: UPF, 2000.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M.M.L. de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84

PERISSÉ, Camile; MARLI, Mônica. Caminhos para uma melhor idade. **Revista Retratos**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 19-25, fev. 2019. Disponível em: https://agencia-denoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf. Acesso em: 03 out. 2020.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIVER. **Para que estudar na terceira idade**. 17 mar. 2014. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/para-que-estudar-na-terceira-idade/>. Acesso em: 04 set. 2020.

SILVA, Flora Moritz da; SILVA, André Tiago Dias da; ROCHA, Rudimar Antunes da. Onde estão as UNTI as universidades públicas federais do Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 17., Mar del Plata, 2017. **Universidade, desenvolvimento e futuro na sociedade do conhecimento**. Mar del Plata: Universidad Nacional, 2017.

UNESCO. **Relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos**. Brasília, 2010.

VELOSO, Esmeraldina. **Políticas e contextos educativos para os idosos**: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal. 2004.. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2004.

VERAS, R.P.; CAMARGO, J.R. Idosos e Universidades: Parcerias para a qualidade de vida. In: VERAS, R.P. (Org.). **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume –Dumará, UNATI, 1997.